

ARTIGO - 2. PATRIMÔNIO CULTURAL E OS DESAFIOS DO SÉCULO XXI: O PATRIMÔNIO NA ÉPOCA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS: A CONSERVAÇÃO ENTRE NOVOS E VELHOS RISCOS / AS ESCALAS DO PATRIMÔNIO: LOCAL - GLOBAL / MODELOS INOVADORES DE GESTÃO PARTICIPATIVA E ENVOLVIMENTO DAS COMUNIDADES LOCAIS / ESTRATÉGIAS DE FINANCIAMENTO PARA A CONSERVAÇÃO..

DOCUMENTOS GLOBAIS E ESCALAS LOCAIS: ATÉ QUE PONTO O ICOMOS CONSEGUE ABARCAR ARQUITETURAS MODESTAS?

Livia Nobre De Oliveira (LIVIANOBRE@LIVE.COM)

Leonardo Barci Castriota (leocastriota@yahoo.com.br)

O campo do patrimônio cultural arquitetônico vem sendo atravessado, nas últimas décadas, por tentativas de responder a críticas à tradição monumentalista que orientou suas bases iniciais. Conceitos como “vernáculo” e “espírito do lugar” passaram a integrar o vocabulário da preservação, sinalizando um movimento de ampliação discursiva em direção a contextos de menor excepcionalidade. Ainda assim, permanece a dúvida sobre até que ponto essas formulações conseguem dialogar com realidades concretas de arquiteturas menores, não-monumentais, de caráter modesto e frequentemente invisibilizadas tanto nas ações de patrimonialização quanto nos debates teóricos preservacionistas.

Partindo dessa inquietação, o artigo se debruça sobre documentos ligados à trajetória de atuação do ICOMOS e que são referência para o campo, como as de cartas patrimoniais e declarações internacionais produzidas tanto pelo órgão

quanto pela UNESCO e que ilustram o avanço da narrativa da preservação do patrimônio arquitetônico e do que se pode considerar como tal. A análise observa nos documentos os avanços quanto as lacunas no tratamento de contextos não excepcionais. A reflexão é tensionada a partir de uma perspectiva situada: a vivência em cidades do interior nordestino, em especial no Seridó Potiguar, onde o patrimônio arquitetônico é majoritariamente composto por edificações modestas, cujos valores derivam mais do uso, da memória e da leitura comunitária do que da monumentalidade, materialidade e excepcionalidade (questões que aparecem de forma recorrente no discurso autorizado do patrimônio).

A análise sugere que, embora o discurso global tenha incorporado conceitos que permitem pensar além do monumento, ele ainda mantém uma lógica centrada na monumentalidade e na autoridade técnico-institucional, além de permanecer consideravelmente eurocentrado e pouco aplicável a realidades brasileiras e latino-americanas. Conclui-se que a distância entre escalas global e local ainda persiste, reforçando a necessidade de ferramentas críticas de leitura que permitam reconhecer e legitimar arquitetura modestas como parte importante das discussões sobre patrimônio e inserindo-as no horizonte de reflexão do ICOMOS e da agenda internacional de conservação.

Palavras-chave: icomos; cartas patrimoniais; arquiteturas modestas; escalas do patrimônio.